



**É uma
miscelânea, né?
Mas tudo
dentro da arte**

*It's a hodgepodge,
right? But everything
within art*

Entrevista com
* Branco
Apresentação,
edição e notas
Lennon Noleto

Seria a história capaz de entender suas próprias categorias? Alguns deslocamentos nos confundem nestes termos, ainda que se tenha à mão qualquer capacidade autorreflexiva de tornar o discurso teórico algo efetivo. Estabelecer a “realidade” é um risco, mas também nos lembra do peso da palavra no tempo e no espaço. Não há como nomear sem destruir: a determinação do nome é o mesmo ritual pelo qual se constroem os muros, as linhas e as cartografias. Aliás, os diversos discursos que hoje criticam a hegemonia ocidental entram em embate, em verdade, com o mundo que insiste numa cartografia. São “Orientes”, “Áfricas” e uns tantos “Ocidentes” que se reduzem a designações flutuantes nas circunavegações.

Especificamente sobre o contexto latino-americano, há sempre que defrontar o legado fantasmagórico de identificação com o continente europeu: uma zona de heranças explosivas, uma margem indisposta do projeto de racionalização da vida, o “extremo Ocidente”¹. Em *Culturas Híbridas*, o autor argentino Néstor Canclini fragiliza estas relações a ponto de esgotá-las em seu caráter mimético, tornando-as até mesmo impotentes diante do ideal de progresso. Face ao quadro do século XX, Canclini designa, na América Latina, uma “modernidade sem modernização”²: o fortalecimento do mercado cultural (jornalístico, artístico e literário) com princípios de espiritualização, contemplação e restrição de espaços, sobrepõem-se ao baixíssimo índice de escolarização² (CANCLINI, 1990:67). Ora, uma modernidade que não encontra nem mesmo suas antíteses pode resistir como objeto de crítica? Canclini aposta na capacidade de sair da modernidade, na medida em que certas matrizes da América Latina não sejam entendidas pela etnografia clássica e pelos salões de museus naturais, em relação consubstancial com os elementos da colonização, mas igualmente como fatores determinantes, sobretudo no campo simbólico daquelas sociedades, para além das dramatizações e do primitivismo. Estes resquícios deixados pelo progresso podem ser imagens sobrecarregadas de uma vitória atemporal e lutuosa, descompromissadas e, paradoxalmente, prontas para o ataque.

Em 28 de julho de 2019, Branco me recebeu em sua casa em Goiânia. Conversávamos enquanto eu passeava pelo seu ateliê; via, descompromissadas e prontas para o ataque; esculturas em ferro feitas de peças de restos de veículos e outros objetos. Também havia

¹ Devemos o termo a Alain Rouquié.

² Cf. CANCLINI, N. *Culturas Híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Grijalbo: Miguel Hidalgo, 1990.

É uma miscelânea, né? Mas tudo dentro da arte

gramofone, projetos de bicicletas e outras coisas por fazer.

Ele, que também se torna *Branco Seixas* no palco, me recebeu cantando *Kamikaze*, de Zé Ramalho:

*O tempo em que eu me separei/ Numa
razão tão mística/ Um cavaleiro, nunca
um cowboy/ Um verdadeiro kamikaze/
Um avião destruidor de lares/ Um passeio
pelos ares/ Um megaton de poucas
esperanças/ Bombas e lembranças*

Alguns megatons, impulsionados pela derivação moderna acima de suas próprias consequências, são potências para o cavaleiro de desertos proclamados. Espaços como Taguatinga e Samambaia, cidades-satélites do Distrito Federal, foram vividos por Branco como uma cartografia de acasos da razão. Forma-se em sua poética um Dom Quixote: nesta fábrica das mitologias, há qualquer contramovimento contra a história natural, mas resultará sempre em reminiscências dos colossos fabris, das máquinas encantadas de mover e de falar.

O artista nasceu em Taguatinga na década de 60. Sua vida está também dividida com Goiânia, cidade onde vive esporadicamente. Está constantemente envolvido com apresentações musicais. Torna-se reativo ao lembrar do pé de angico que foi cortado próximo à sua casa, ou quando a conversa se dirige a questões políticas. Todas torrentes que quis respeitar. Por isso, a conversa a seguir não preenche lacunas: são elas justamente a nossa reflexão.

Onde é que você surge? Uma pergunta bem aberta... Você surge na arte, antes da arte?

É uma miscelânea, né? Mas tudo dentro da arte. Minha profissão mesmo foi adestramento de cães, desde criança. Os cães me ensinaram a ser mais gente, a entender mais as coisas. Porque essa psicologia canina é muito legal. E é mais fácil você adestrar cães que adestrar pessoas [risos], é muito mais fácil. Mas, desde esse mesmo momento, estava ali ligado no violão e ligado no artesanato, às artes, e a coisa foi evoluindo. Mas aí, depois com o tempo, o adestramento ficou mais de *hobby*. Porque depois você se casa, vêm outros compromissos e tal. Você já tem mais aquele tempo pra dividir. Porque eu já divido tempo entre as esculturas e os *shows*. Aqui e acolá faço um som e aquela coisa toda, então fico meio dividido. Eu me acho perdido e encontrado mesmo é nas artes (plásticas e na música). E sempre nesse contexto com a galera toda, nos movimentos culturais, como em Taguatinga com a Tribo das Artes³. Fui membro da tribo, fui coordenador. Também fui membro do Conselho de Cultura de Taguatinga... Estamos sempre aí. Fizemos um filme com o Gérson Deveras, foi o Dom Quixote do Cerrado⁴. Acabei virando o “Dom Quixote do Cerrado” de tanto fazer Dom Quixote. E foi um filme bacana, um curta, tem uma história bacana sobre um Dom Quixote dando pelos monumentos de Brasília. E pegamos algumas manifestações no filme e tal. Tem um enredo bacana, uma história boa. E aí a gente continuou plantando nos segmentos culturais de Taguatinga. Eu tenho uma parceria com a Biblioteca Machado de Assis⁵, em que a gente sempre faz exposições e *workshops*. E aí é onde a gente

³ Instituição aberta em 2000 sediada em Taguatinga. Tem como objetivo projetos de democratização da arte. Conferir <http://www.tribodasartes.art.br/?fbclid=IwAR0DxFe1UqKo7G_B4Zhke8SJjZb6YmgoUVQ1kmYg0wIYED5xhxqzEWKIAyY>.

⁴ Branco refere-se ao curta-metragem “*Sonho de Dom Bosco, Delírio de dom Quixote*”, filme de 2015.

⁵ Biblioteca pública localizada no centro de Taguatinga.

fazia uns *workshops* de ensinar arte pra galera, pra pregarem outros caminhos. Estou agora com o projeto Recicletarte, que é para reciclar bicicletas. Olha o tanto de bicicleta aí [*mostrando no seu espaço*]. O pessoal joga fora. Esses caminhões que apanham lixo, que sejam recicláveis, claro, vêm parar tudo aqui [*próximo à sua residência*]. Tem um coletivo deles onde recebem todo esse material. Aí fica fácil: vou lá às vezes, pego, compro deles uma coisinha, um quadro que eu preciso e tal. Que aí já ajuda o pessoal que tá trabalhando com reciclagem. E aí a coisa vai fluindo. E esse projeto é legal, Recicletarte. As *bikes chopper*⁶, né? Às vezes com roda de moto, de carro, tudo isso a partir de bicicletas descartadas. Às vezes você tem uma e quer recuperar ela.

E você tá fazendo esse projeto com algum grupo?

Não, não, por enquanto ela tá só aqui na ideia mesmo. Aí eu tô lançando algumas aqui pra fazer alguns testes. Tô começando a gostar da brincadeira [*risos*].

Que ótimo!

E acho que vai abranger, vai ser legal. Por exemplo, na UAMA [*Unidade de Atendimento em Meio Aberto, trata-se de serviço socioeducativo para jovens em liberdade assistida*] vai ser bom pra meninada. Já aprender a soldar, outras profissões paralelamente. Mesmo brincando, se divertindo.

Como começou seu interesse por fazer peças e desenvolver seu trabalho artístico a partir do ferro?

O ferro é interessante, né? Porque, olha só, é um trabalho que você faz e ele se resolve rápido. Por exemplo, você vai pintar um quadro, uma tela. O óleo demora a secar. Diz a história que demora cem anos para secar. Já outras técnicas são mais rápidas, tipo acrílica. Você pintou ali e tá pronto. Mas, assim mesmo., é demorado. E aqui é um processo que você resolve rapidinho e ele tá pronto. Às vezes demora um tempo, conforme o trabalho. Mas o legal é você ir descobrindo coisas que vão aparecendo e nada tem a ver com nada. Às vezes você



⁶ Modelo de motocicletas que são criadas nos Estados Unidos a partir de alguns experimentos no pós-guerra. Militares que retornaram dos conflitos modificavam os veículos tirando partes consideradas desnecessárias.

É uma miscelânea, né? Mas tudo dentro da arte

olha e diz “isso aqui é um cérebro, isso aqui parece a forma de um animal, de um cavalo, um ser humano...” ou de uma outra coisa qualquer. Ou que apenas se encaixa em outra obra maior que você esteja fazendo o “joelhinho do dedo” [risos].

Aquela junta que faltava...

É. Então acho legal essa coisa de criar a partir do nada, do zero. Você pegar uma coisa que não tem a mínima função. O gostoso é você enxergar onde não existe nada. Por exemplo, aquele toco ali [aponta], só aquele toco já é lindo. Olha só [pega a peça]. São galhos que a natureza descarta. Eu vou ali e cato. Então vamos aproveitar isso. Aí descobri essa nova técnica ali da madeira, de fazer algo dela. Mas não muito meu querer, vamos dizer assim. Por exemplo, tem uma diferença entre madeira e cerâmica. Na madeira, se você tirar demais, aí não tem retorno, só se colar. Já na cerâmica, você modela, se quiser tira, põe, você faz de outra forma (que é também gostoso). E aí eu gostei dessa aí [da peça de madeira], porque a escultura tá lá dentro do toco. Você tem que arrancar ela de lá. Mas meu grande lance são monumentos de ferro, que é o que eu gosto de fazer. Arte monumental, grande. Lá na Samambaia tenho num prédio. E tem outro em Taguatinga. E outro que eu não me lembro. Nessa correria de estar lá e aqui, eu pego essas oportunidades. E com todo esse fascismo, sabe, que tá enxovalhando a cidade de falta de cultura e sabedoria, e o ódio tomando conta. E essa violência contra as universidades: uma faculdade não pode ter filosofia, não pode ter sociologia... e a censura, a ditadura implícita. Você não pode dizer, você não pode falar, não pode fazer. A única arma que nós temos na arte é fazer que nem Chico Buarque, Tom Zé, fazer o que sempre fizeram e não vamos

deixar nunca. Porque nós vivemos toda a ditadura, crescemos na ditadura pra, no final, a gente assistir a tudo isso. De uma forma a gente tem que mostrar, falar, protestar, retrucar. De todas as formas, porque a arte é o espelho social de uma época. Tudo é registrado na história da arte: as revoluções, tudo registrado na história da arte. E agora é nossa hora, nossa vez de registrar tudo isso, passo a passo. Na verdade, uma perturbação, diria, social e antissocial. Porque nós temos que estar lá brigando com esse povo. Aí o *nude* não pode ser um *nude*. Numa exposição onde mostra um trabalho artístico, de coletivos ou individual, vem a censura, a opressão. Você não pode falar, não pode dizer. Isso desde os primórdios. Na época da Santa Inquisição os artistas eram manipulados⁷. Na Virgem Maria podia aparecer só o dedinho, não podia aparecer ela de corpo nu. Aí foi onde os artistas começaram a quebrar todos esses protocolos. E é pra fugir dessas algemas, que eram políticas. Os artistas eram operários que eram obrigados a fazer de acordo com o que a Igreja queria, não podiam colocar o pensamento deles dentro de uma tela. Se nós não protestarmos, seremos apenas uma *lebrezinha* encolhida ali, perto do lobo mau [risos]. É o “monstro SIST”, como diria Raul.⁸ Toda essa galera bacana, que é compromissada com o povo, com a educação, com a arte, com o cinema – a sétima arte, mais linda. Aí você vai castrar a voz do povo. Porque o artista também se manifesta, se mostra para o povo. Então tem esse poder. A arte, assim como a música. Estamos numa situação terrível. E ela não é só aqui, tá no sistema. O fascismo tá englobando todo o mundo.

Eu queria que você me falasse como foi a sua trajetória, para utilizar um termo meio fraco, “desde sempre” nos

⁷ O artista refere-se aos contratos estipulados pela igreja, que previam os elementos que deveriam figurar nas obras dos artistas.

⁸ Referência à composição “*As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*”, em que se faz uma crítica metafórica à autocracia social.



espaços artísticos que você frequentou. Porque você mencionou Taguatinga, Samambaia, cidades-satélites onde você viveu muito tempo. Fala sobre o que é ser artista nesses lugares.

Ser artista é uma coisa muito louca, né? É muito legal, mas é uma coisa de batalha. Porque a arte é o seguinte, ainda mais agora: o artista sempre foi o marginal da história, por excelência. O cara estuda música, depois se forma, é músico. E aí alguém fala

“- Você trabalha com o quê?”

“- Sou músico.”

“- Mas você trabalha com o quê mesmo?”

[*risos*]. Então é esse tipo de coisa, esse tipo de “enxergância”, como diria Gilberto Gil, que aplaca o sistema. Então a gente tá sempre na contramão, porque o artista tem que ser calado. Se falar demais, *plup*, deletam, principalmente se for de ideias políticas. Nessa conjuntura que tá aí, estamos assim... Agora, meu amigo, cortaram o FAC [*Fundo de Apoio à Cultura do DF*], cortam isso, cortam aqui. Acabaram com o Ministério da Cultura.

A gente se integra bem em Brasília. Mas entrou nesse campo de falar, aí pronto. Mesmo que seja com trabalho. Porque as esculturas falam. O som tem cor, tem sentimento. Então é tudo isso. E a arte tem esse poder de mexer com as pessoas. E aí piram o cabeção. A mídia, né?

Hoje em dia você tem TV aberta, pode assistir qualquer coisa. Mas temos meios de comunicação bons, que têm que ser assistidos. O que, no mais, é comercial, é a massificação global, “não tem pra ninguém”. A maioria é comprada ideologicamente.

Agora uma coisa que me deixou bastante curioso é ver aqui na sua porta um adesivo do Dom Quixote. E ele é meio que um fantasma, que atravessa você, suas obras. Eu queria que você falasse quem é o Dom Quixote. Não o personagem, mas, de maneira geral, quem é o Dom Quixote com quem você convive e que tá aí ao seu lado?

Esse Dom Quixote já mora em mim [*risos*]. Desde os primeiros trabalhos de Dom Quixote, foi uma loucura. Parece que ele me ganhou, e de uma forma... Eu comecei a ler o livro, e aí todo domingo chegava um e me encomendava um Dom Quixote, contava um trecho, contava uma história, “o cavaleiro andante”... Acabei virando o sonhador dos moinhos de vento. Altaneiro, sempre correndo em busca dos sonhos. A gente não pode deixar o moinho soprar pro lado errado [*risos*].

Mas você tem memória de quando que isso começou? Também teve o filme... Você lembra de quando ele te “pegou”?

O Dom Quixote já me pega desde a infância, desde os desenhos animados. E a história dele é muito linda, já me ganhou desde sempre. E é uma figura popular, todo mundo quer ter um Dom Quixote em casa. Porque é sinônimo até de intelectualidade, de gosto por literatura. Já passa essa coisa, ele exala isso. Eu acabei, depois de muitos anos, virando Dom Quixote. E foi maravilhoso.

E um artista é necessariamente um Dom Quixote? Ou é possível um artista não ser um Dom Quixote?

Olha, eu acho que o Dom Quixote é cada um de nós. Mas é complicado, né? Eu acho que cada um de nós teria que se policiar ideologicamente, sempre aguerrido às

É uma miscelânea, né? Mas tudo dentro da arte

propostas que nos cercam. E a gente tem que saber plantar e colher. Só no Gilberto [Gil] mesmo que amanheceria tomate e anoiteceria mamão [risos]. Na poesia. Mas, na real, a gente tem que saber semear, plantar, arar. Eu sempre pego a frase de um poeta porque são figuras que fizeram minha cabeça. É como diria Gilberto Gil: “amarra o teu arado a uma estrela. Tu serás o camponês louco do espaço”. É por aí. Esse é o mesmo lance do Dom Quixote de cada um de nós. A gente tem que se soltar e deixar ele caminhar feliz.

E os outros trabalhos que você desenvolveu além das esculturas de ferro? Quando eu cheguei, você me mostrou essas peças aqui...

Peças que também são recicladas (as de madeira). Você aproveita o que a natureza te dá e, às vezes, quase pronto. Só lapida. Tem coisa que você não pode nem assinar o nome. Quem fez foi a natureza, você só enxergou, né? [risos] E deu o devido valor. Por exemplo, a tampinha vira um vaso, e vai uma planta, e fica a coisa mais linda. Reciclável e, ao mesmo tempo, utilitário [risos]. Bota uma plantinha e pronto. Essa *necessidade* de reciclar. Tem gente que fala “e essa mania feia de catar”? [risos] Eu saí aqui fora e tinha um “galhozinho” da árvore jogado ali fora. Eu olhei pra ele disse “eu agora agora tô gostando de

você” [risos]. Já peguei e estão cortados. E vão virar outras esculturas. A madeira se



perde e vai pro lixo, se acaba. Um material tão nobre, tão primordial à vida. Porque sem oxigênio, sem árvore, sem verde não se vive. Cada dia pior, cada dia pior...

Você tem uma relação diferente da madeira em relação ao ferro?

Não, não... Eu acho os dois materiais nobres, no seu devido valor. É triste, por exemplo, saber que cortaram uma madeira pra



fazer uma escultura. Mas você pegar galhos que a própria natureza deleta. Tem árvores que secam e caem. O que a natureza mesma deleta. Ou a árvore que já estiver morta, tudo bem. Agora destruir uma árvore pra seja lá o que for, gente, é um absurdo. Então, a madeira em si, por esse motivo, tem uma razão maior. Embora o ferro seja minério que também tá sendo arrancado da natureza, às vezes de forma tão abrupta, tão terrível, quanto a devastação. As mineradoras, você vê aí, essa lama toda... Já tenho até música, alguns escritos sobre isso, que vão virar uma música.

Como é que as artes plásticas se cruzam com a música dentro da sua produção? Ou você nem sequer pensa nessa relação e simplesmente acontece?

Quando eu faço um *show*, geralmente eu faço uma exposição paralela. No *show* vai ter apresentação, sempre faço isso. E uma coisa emoldura a outra. É igual a um quadro sem moldura. Você põe a moldura, dá um outro aspecto. E aí um acaba ajudando o outro, um casamento legal [risos].

Alguma vez ocorreu de a música te inspirar a fazer uma escultura e vice-versa?

Sim, sim... Essa é uma fonte constante, né? Por exemplo, “velha infância”, títulos assim que coloco em exposições, “cavalos calados”, que é uma música do Raul Seixas e dei como título de exposição. E assim vou amarrando. “Velha infância” me remete ao engraxate, com o pezinho numa bola de meia soltando pipa. Você vai analisar “o engraxate, com a bolinha, a pipa...”. Quer dizer, ele tinha que estar brincando, aquela caixa de engraxate tá atrapalhando. Quer dizer, essa é a função do trabalho, ele tem

que dizer algum coisa. Essa eu fiz uma vez, tô até precisando fazer mais dessa linha. A arte, na verdade, é um chamado. Você faz uma exposição como um chamado para as pessoas que necessitam de tudo isso, que todo mundo precisa.

E o que tem feito você pensar hoje pra fazer arte? Que tem te movido em termos de inspiração poética, pra você materializar e desenvolver seu trabalho? O que tem povoado sua cabeça?

Na verdade, minha cabeça já é voltada para o protesto, pra resistência, ela já tem na essência isso. Eu tenho que estar procurando uma forma de dizer algo que seja humanista, que faça com que as pessoas cresçam e entendam o que é a arte, qual o motivo da arte. Tudo o que é belo, como dizia Leonardo da Vinci, “tudo o que é belo morre no homem, mas não na arte”. Às vezes, uma instalação, uma tela em que o cara só jogou tinta, se fala “isso aqui é arte?”. As pessoas não entendem. Tudo tem sentimento, tudo tem seu valor. E tem que saber degustar, assimilar as artes e a intenção da arte, o que ela quer dizer pra você.

Você pode dizer que você já alcançou essa coisa que você chama de “essência”? Você já chegou lá ou acha que faz parte disso a caminhada?

Essa é uma caminhada que não tem fim. A gente veio aqui pra cumprir uma missão, sabe? Você tem que cumprir essa missão até o último dia. Mas dizendo, falando, protestando, informando. Esse é o motivo da arte, senão a gente vai ficar patinando [risos] o tempo todo e não chegar a lugar nenhum. Temos que estar na guerrilha, guerrilha... mas uma guerrilha legal. Trazer não só o protesto, mas paz e alegria também. Tudo tem seu movimento, sua

É uma miscelânea, né? Mas tudo dentro da arte

forma, sentimento também. Tudo é aplicado em uma escultura. Nós citamos o Dom Quixote, vamos citar o São Francisco, que tem uma história fascinante. Ele largou tudo pra se dedicar aos pobres, ao animais. Então isso é louvável, isso é legal demais. E a gente tem que estar passando isso. São figuras assim que são um exemplo. Mas tão somente usar a figura. Meu mestre, que é um artista plástico terrível, terrível de bom, que é o Adalto Gonçalves, fez umas séries de São Francisco do Cerrado. Ele pinta um quadro e coloca uma latinha de Coca-Cola no meio do mato. Aquela latinha de Coca-Cola tá dizendo muita coisa. Tá poluindo o ambiente, tá estragando. E as pessoas veem só o São Francisco. E o ponto áureo da peça seria, no caso, a latinha e não o São Francisco. Tá lá a latinha pra mostrar “não é assim que se faz”. Tem gente que fala “olha, tem aquela Coca-Cola ali” e não percebe que é isso que tá poluindo todo o planeta. Não só fisicamente, mas aqui, né? *[aponta para a cabeça]* O tempo todo. Um monstro encaixotado, agora em tablete. Agora tem aquelas *[telas]* planas, não dá pra encaixotar mais, a pessoa tem que amassar *[risos]*.

Isso é interessante. Você pega justamente esculturas de ferro que já foram partes de uma coisa extremamente mecanizada, seja um veículo, um eletrodoméstico ou outra coisa. E como é que você lida com essas coisas, digamos, quando elas estão vivas? A televisão, quando tá morta, você tira as peças e faz. Mas quando ela tá viva ela é uma problema? Como é sua relação com a técnica, com a tecnologia?

Na verdade, eu sou amante...

Na questão do ferro, a Revolução Industrial, aquelas máquinas antigas, aquilo é fascinante. Quando eu vejo qualquer material, um ferro de passar, uma panelinha. Tudo isso é um processo histórico. Cada vez já é mudança, não é mais aquilo, e vai aparecendo mais e mais e mais. E a gente perdido na história com essas peças, que às vezes eu encontro. Tem peças que eu já guardei... Olha aqui, ficou jogado anos, eu peguei e guardei e trouxe pra cá *[Goiânia]*. É um gramofone! E é suíço! Não tocava nada e pensei “eu faço um pedestal, coloco um disco aqui e faço um fone aqui só pra deixar a memória viva”. Vou desenferujar ele...

E você achou onde?

Nem lembro mais! *[risos]*



Branco.



* **Branco** [Josemar Araújo Ferreira] nascido em Taguatinga – DF, possui ateliê em Goiânia, é ex- aluno do Centro de Artes ICAT. Formado em Artes Plásticas na UDF. Branco é poeta, músico e escultor.